

Moçambique lança programa para as indústrias criativas

ÁFRICA



19/08/11, 14:39

OJE/Lusa

O governo moçambicano vai lançar um programa voltado para as indústrias criativas, uma aposta que visa potenciar a economia cultural do país, criando mais postos de trabalho e reduzindo assimetrias sociais.

A recente criação da Direcção Nacional de Promoção de Indústrias Culturais (DNPIC), uma divisão do Ministério da Cultura de Moçambique, é o lado visível da vontade do executivo moçambicano de potenciar a economia cultural do país.

"O governo, através das Indústrias Criativas, quer solucionar a falta de emprego no país, temos muitas riquezas que devem ser aproveitadas", avançou à agência Lusa José Pita, director-adjunto da DNPIC.

Durante esta semana teve início em Maputo uma formação de economia criativa, aberta a todos os cidadãos, dirigida por Lala Deheinzelin, uma especialista brasileira em indústrias criativas, que está a trabalhar em parceria com a DNPIC.

"O objectivo final é o desenvolvimento de Moçambique através do seu património cultural, combinado com o seu património natural", explica Lala Deheinzelin.

Conta a formadora que o conceito de indústrias criativas surgiu na Austrália em 1994, mas foi o Reino Unido, através do antigo primeiro-ministro Tony Blair, o grande impulsionador desta filosofia económica, que envolve os diversos sectores económicos de um país com a actividade cultural do mesmo.

"Existe internacionalmente a percepção, já adoptada em alguns países, de que a grande estratégia de desenvolvimento que temos no século XXI não é de uma economia centrada em recursos tangíveis, mas sim nos intangíveis, que se multiplicam e são abundantes nos países aparentemente pobres", disse.

A estratégia governamental da implementação de indústrias criativas em Moçambique já mereceu o apoio da UNESCO, financiadora da formação decorrida, que contou com mais de uma centena de participantes vindos dos mais diversos sectores de actividade económica do país.

"É preciso tirar os óculos da velha economia, que causou tantos problemas no século XX, e colocar os óculos para observar essa riqueza, que não é financeira, mas cultural, social e ambiental", acrescenta Lala Deheinzelin, mostrando-se entusiasmada com o número de pessoas que aderiram à formação.

"Se antes eu tinha uma impressão, agora tenho uma certeza. É possível e tem muitas coisas boas, agora é preciso fazer", rematou.